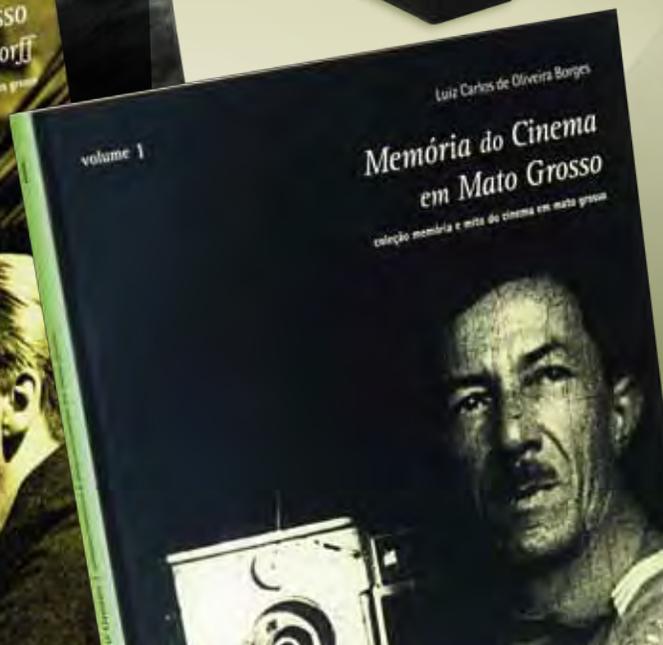
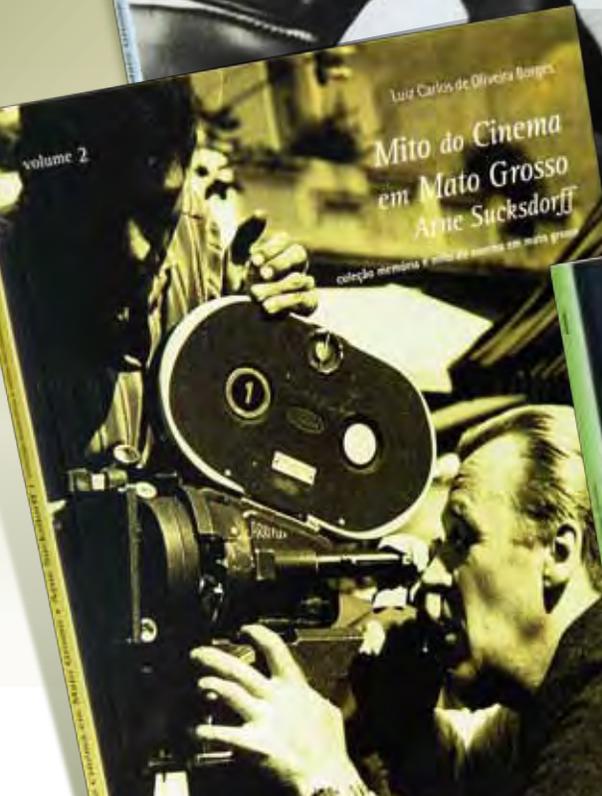
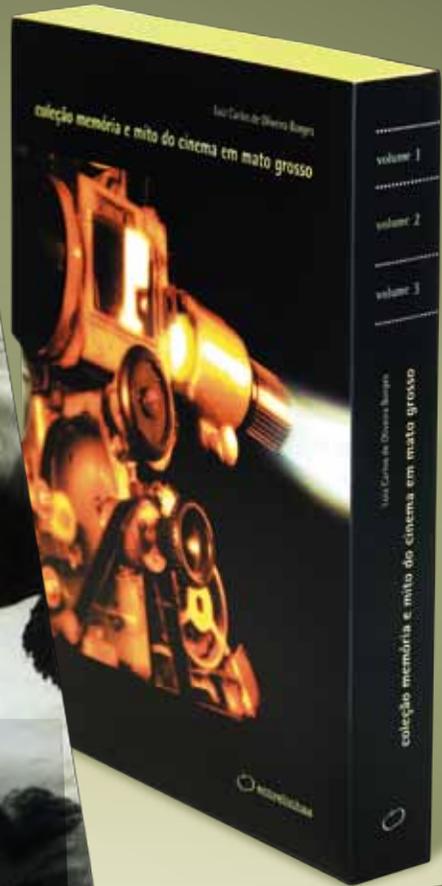




# coleção memória e mito do cinema em mato grosso



volume 1

Luiz Carlos de Oliveira Borges

# *Memória do Cinema em Mato Grosso*

coleção memória e mito do cinema em mato grosso



Luiz Carlos de Oliveira Borges

volume 1

*Memória do Cinema  
em Mato Grosso*

coleção memória e mito do cinema em mato grosso



entrelinhas

Cuiabá | 2008

© Luiz Carlos de Oliveira Borges, 2008.

 entrelinhas

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Diagramação | Capa Helton Bastos

Foto da capa Luiz Thomaz Reis

ANI | Acervo da Cinemateca Brasileira



Pesquisa de imagens Adriana Lemoz

Wanessa Prado

Marinete Pinheiro

Alessandra Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Borges, Luiz Carlos de Oliveira

Memória do cinema em Mato Grosso / Luiz

Carlos de Oliveira Borges. - - Cuiabá, MT :

Entrelinhas, 2008. - - (Coleção memória e mito

do cinema em Mato Grosso ; 1)

Bibliografia.

ISBN 978-85-87226-58-7

1. Cinema - Mato Grosso - História 2. Cultura -  
Mato Grosso 3. Indústria cinematográfica - Mato  
Grosso I. Título . II . Série.

08-02492

CDD-791.43098172

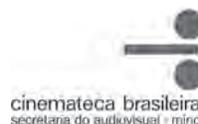
---

Índices para catálogo sistemático:

1. Mato Grosso : Cinema brasileiro : História  
e crítica 791.43098172



Patrocínio



Apoio

Em memória de  
José Octávio Guizzo.

No presente,  
a Carla Maria Cartocci, minha filha  
Naire Cartocci Borges, meus genitores  
Veridiano e Ivonete Borges, à Tânia e  
Carlinhos, meus irmãos nesta jornada,  
por acreditarem neste trabalho, e a  
todos aqueles que continuam a luta  
dos pioneiros do cinema em Mato  
Grosso.



## Agradecimentos

Alex Vieira Batista | Ana Carla Loureiro | Ana Moreira  
Ana Viegas | Aníbal Alencastro | Arne Sucksdorff (*In memoriam*)  
Bianca Machado | Blairo Borges Maggi  
Carlos Augusto Dauzacker Brandão | Clóvis Hugueney Neto  
Cândido Alberto da Fonseca | Carlos Magalhães  
Carlos Roberto e Souza | Cosme dos Santos | Dib Lutfi  
Diego Baraldi de Lima | Elizabeth Madureira Siqueira | Fátima Costa  
Fátima Cristina Duarte Ferreira | Flávio Daltro  
Geraldo Albaneze | Heloisa Helena da Costa Urth | Helton Bastos  
Jaime Alves Corrêa | Joel Barcelos | Jorge Kartuche | Lidiane Barros  
Márcia Jacob | Marcos Vinicius Lacerda  
Maria Graça de Jesus Sucksdorff | Maria Santíssima de Lima  
Maria Teresa Carrión Carracedo | Marta Guizzo  
Névio Lotufo | Nileide Souza Dourado | Nilo de Oliveira  
Olga Futema | Paulo César Rocha  
Paulo Corrêa de Oliveira | Paulo Pitaluga | Paulo Speller  
Ricardo Carracedo | Wagner Vinholi



O Governo de Mato Grosso tem se empenhado, no limite das suas possibilidades e recorrendo a todos os meios possíveis, como parcerias com o setor privado, em executar obras e ações voltadas para a valorização da memória histórica e cultural do nosso Estado – que é rica, densa, eclética, mas que por vezes ainda se vê ameaçada de se perder no tempo pela ausência de políticas públicas comprometidas com sua conservação e difusão.

Tem sido assim com nossos monumentos históricos – igrejas, casarões, etc. -, com instituições importantes como a Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico, as ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade, festas religiosas e populares, que se encontravam merecedores de uma atenção especial do poder público. Receberam investimentos do Governo do Estado e voltaram a ser referências culturais de todos os mato-grossenses.

Este livro do cineasta, produtor cultural, professor e pesquisador Luiz Carlos de Oliveira Borges, que recebeu apoio financeiro do Fundo Estadual de Cultura e é parte da trilogia “Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso”, tem, porém, um significado especial por fazer o registro e o resgate da história da chamada sétima arte em nosso Estado – tema sobre o qual pouquíssimos autores se debruçaram, e mesmo assim de forma superficial.

As novas gerações, de uma forma geral, certamente não têm conhecimento, mas o cinema já teve uma presença marcante na vida cultural mato-grossense, especialmente de Cuiabá, desde os longínquos tempos de província, quando nossa capital apresentava uma pujança econômica e cultural de fazer inveja a cidades do sul-sudeste que se tornaram grandes metrópoles. Apesar do isolamento geográfico, Cuiabá nunca deixou de estar atenta ao que acontecia pelo Brasil e pelo mundo.

A inexistência de acervos bem organizados e conservados, acessíveis ao grande público, de pesquisas e publicações contribuiu para que essas novas gerações ignorassem o que o cinema e outras manifestações artísticas contribuíram na formação dos traços culturais do povo mato-grossense.

Daí porque esta iniciativa de Luiz Carlos Borges se reveste de toda importância. De forma minuciosa, Borges mergulhou de corpo e alma num esforço de pesquisa que não se ateve apenas a prospectar o que se produziu e se exibiu de filmes em nosso Estado, mas também a explicar como se deu esse processo ao longo da história, de forma que acabou revelando, tal qual um negativo de fita, aspectos do cotidiano e da vida cultural regional que nos ajudam a entender por que Mato Grosso é hoje o que é.

**Blairo Maggi**

*Governador do Estado de Mato Grosso*



A Secretaria de Estado de Cultura tem a satisfação de apresentar *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*. Singular obra literária produzida pelo cineasta cuiabano Luiz Carlos de Oliveira Borges, idealizador e produtor dos festivais de cinema de Cuiabá, evento cinematográfico importante que tem atraído produções inclusive de fora do Estado. O festival tem levado Mato Grosso a ser reconhecido no cenário nacional, além de promover produções de vídeo, curtas e longa-metragens, e em parceria com esta Secretaria promove também a valorização dos profissionais que fazem parte do cenário cinematográfico desta terra.

*Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso* é uma obra ímpar. É uma busca fiel do resgate histórico dos primórdios do cinema neste Estado. Revela o momento em que a maravilha da sétima arte adentrava aos rincões mato-grossenses, trazida pelos pioneiros e corajosos profissionais de cinema, entre eles Major Thomaz Reis, cinegrafista da Comissão Rondon.

Luiz Borges, numa minuciosa pesquisa, quase como um garimpeiro, traz à luz preciosos tesouros, registros dos primeiros filmes, documentando os contatos com as nações indígenas, a exploração das riquezas naturais e minerais. Em resumo, a conquista territorial da Amazônia mato-grossense.

Relembra, ainda, as primeiras salas de cinema mudo que se instalaram em nossa Capital e que, para animar os filmes silenciosos, utilizavam orquestras ou pequenas bandas. Fala sobre o período áureo dos cinemas cuiabanos e a participação efetiva da sociedade.

Descreve com grande precisão todas as obras cinematográficas produzidas neste Estado, suas temáticas e seus produtores. De uma forma especial homenageia o grande cineasta Arne Sucksdorff, o sueco que veio conhecer o Pantanal mato-grossense e terminou escolhendo aquele paraíso para sua morada, produzindo uma série de filmes e fotografias sobre a região.

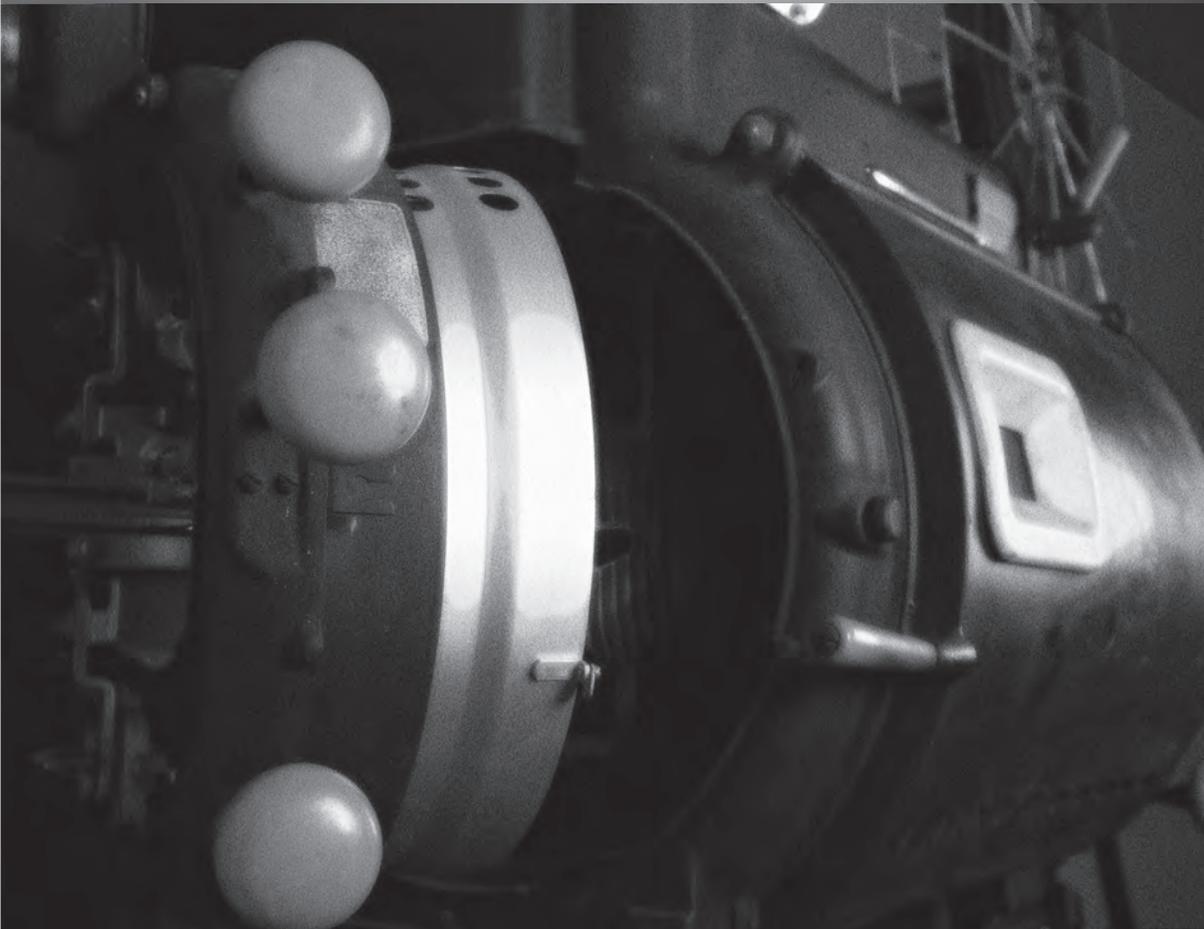
Ao apresentar à sociedade esta magnífica obra, recomendamos que ela seja, além de uma fonte de pesquisa, inspiração para o conhecimento da história mato-grossense. *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso* é um verdadeiro presente no ano em que comemoramos os cem anos do cinema em Mato Grosso.

**Paulo Pitaluga**

*Secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso*



# *Apresentação*





## O RESGATE DE UM TEMPO HERÓICO

O cinema brasileiro ressen-te-se – apesar do número razoável de obras sobre a sua historiografia e resgate de uma parcela de sua memória – de uma pesquisa que realmente acrescente dados novos à sua história tomada de uma forma mais ampla e diversificada, sem a redundância que acaba levando parte dos nossos pesquisadores à repetição, a esta altura cansativa e reiterativa, dos mesmos nomes, movimentos e fatos estudados anteriormente.

Raros são aqueles autores que se debruçam sobre aspectos pouco analisados, seja sobre personalidades importantes da nossa história cinematográfica ou, menos ainda, sobre o cinema, muitas vezes heróico, feito em regiões brasileiras distantes do eixo hegemônico carioca/paulista.

Luiz Carlos de Oliveira Borges, com este *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, é, felizmente, uma dessas raridades.

A ampla e certamente exaustiva pesquisa que redundou neste trabalho de Borges acabou resultando num estudo que transbordou as fronteiras do velho Mato Grosso antes da sua divisão em dois, num esartejamento promovido pelo autoritarismo ditatorial, para atingir outras terras e acabar nas areias de Copacabana na boa companhia do sueco/brasileiro/mato-grossense/pantaneiro Arne Sucksdorff.

Borges dividiu com muita competência o seu espaço dedicado ao cinema de ontem com o contexto sócio-econômico, e sobretudo político, no qual foram realizados os primeiros trabalhos dos pioneiros cinematográficos – desde aqueles “empresários” de um cinema meio mambembe, meio ambulante, que enfrentavam todas as agruras e dificuldades do interior brasileiro para mostrar a grande novidade dos “cinematógrafos”, a maioria vinda de terras francesas,

até os primeiros cineastas autodidatas que se aventuravam a fazer seus primeiros filmes.

*Memória do Cinema em Mato Grosso*, o volume 1 tem, desde o seu início, o grande mérito de situar Mato Grosso como um todo, desde a sua ocupação pelas Bandeiras do século 18, passando pela importância que a navegação da Bacia do Prata teve para os dois grandes centros mato-grossenses da época, as rivais Cuiabá e Corumbá, até as tentativas – em grande parte frustradas – de fazer chegar àquelas terras algumas formas de progresso econômico e cultural. Borges não deixa de lembrar que Mato Grosso, desde o seu início, foi vítima de uma das grandes fontes de atraso, existente em todo o nosso interior, da consolidação das oligarquias, que, além de donas da terra, também controlavam a vida e a morte de todos os que habitavam nos seus limites feudais.

O resgate da memória sobre as primeiras salas de cinema e as práticas que envolviam aquele comércio é inestimável: nele descobrimos como o cinema, desde o seu aparecimento em Mato Grosso, adquiriu uma importância que transcendia à própria arte e à diversão. Detalhes deliciosos como o incômodo causado aos espectadores pelos então elegantes – e monumentais – chapéus com que as senhoras compareciam às salas de exibição, as trilhas sonoras dos filmes mudos sendo fornecidas pelas bandas da polícia militar, as sessões beneficentes e o privilégio das cadeiras permanentemente reservadas às autoridades, dizem mais do que os seus aspectos jocosos: acrescentam informações importantes sobre a estrutura social de épocas passadas, mas importantes de nossa História.

Ao longo deste primoroso trabalho de pesquisa o leitor tomará conhecimento da chegada da cultura norte-americana às terras mato-grossenses através dos filmes da Fox, da Paramount e da Metro Goldwyn, e as tentativas de brasileiros como Francisco Serrador e Roquete Pinto de realizar filmes “mato-grossenses” – na verdade documentários sobre a recém implantada Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – e, claro, sobre os indefectíveis índios, animais e florestas da região. Serão apresentados também aos filmes de “cavação”, às vezes verdadeiros estelionatos culturais.

Figuras históricas como Cândido Rondon e Luiz Thomas Reis, Paulino Botelho e José Medina, o armênio Lázaro Papazian – que nos legou 178 filmes, todos precisando de preservação e restauração –, os cineastas Alexandre Wulfes e Líbero Luxardo, e até o lendário estruturalista Claude Lévi-Strauss e sua mulher Dina aparecem neste trabalho de Luiz Carlos de Oliveira Borges, cada um com seus feitos e contribuições à cultura e ao cinema de Mato Grosso.

O segundo livro *Mito do Cinema em Mato Grosso – Arne Sucksdorff*, dedicado a Arne Sucksdorff, é uma verdadeira pérola dedicada à memória do nosso cinema, sobretudo da época do Cinema Novo até praticamente aos

dias de hoje. De uma maneira isenta, mas ao mesmo tempo engajada, na busca da verdade dos importantíssimos fatos gerados pela vinda ao Brasil do documentarista sueco, convidado para dar um curso de cinema e que acabou transcendendo em muito os seus aspectos didáticos/profissionais, a ponto de se fixar no Brasil, onde, no Pantanal, continuou seus trabalhos, ligados sobretudo à natureza e sua preservação.

As idéias de Sucksdorff, um adepto do cinema-verdade, entraram em colisão com as propostas dos cinemanovistas, sobretudo devido aos seus aspectos político-ideológicos, mais do que os estéticos. Sempre que se discutir as “cosméticas” versus as “estéticas” da fome, as idéias de Sucksdorff a respeito permanecerão sempre atuais. Mas foi a sua contribuição para a modernização do nosso cinema através do uso de equipamentos de filmagem adequados – na época raros no Brasil, como moviolas e câmeras leves, importados por ele – e as suas teses de subordinação das idéias cinematográficas à pesquisa prévia, o aspecto mais marcante de sua presença na história e na memória do cinema brasileiro.

A coletânea *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, por estas e muitas outras razões que o leitor descobrirá ao longo de sua leitura, reveste-se de aspectos que a tornam uma obra imprescindível, não só para aqueles interessados na história do nosso cinema, mas também para a memória cultural brasileira como um todo. A obra, em verdade, é uma verdadeira vacina contra o Alzheimer que ainda hoje ataca o registro da nossa herança histórica.

Para todos que têm consciência da importância dessa memória para a nossa soberania, o trabalho de Borges é uma fonte de consulta primorosa. Para aqueles brasileiros que ainda não adquiriram esse conhecimento, este trabalho é uma oportunidade imperdível para fazê-lo.

**Carlos Augusto Dauzacker Brandão**

*Diretor do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro (CPCB)*

*Presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACC-RJ)*



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

A presente coletânea sobre, intitulada *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, corresponde à publicação da pesquisa realizada para o mestrado em Cinema na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1988-1991) sob orientação e rigor da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Rita Eliezer Galvão. Pesquisa esta que resultou em 3 volumes, nesta coleção assim identificados, respectivamente: *Memória do Cinema em Mato Grosso*, *Mito do Cinema em Mato Grosso – Arne Sucksdorff*, e, por último, *Filmografia do Cinema em Mato Grosso*. A publicação em 3 livros separados, se deu por questões meramente de organização e facilidade para o leitor uma vez que os livros serão lidos em separado, que nos obrigou a introduzir uma nova apresentação para cada volume, e incluir em todos os volumes o texto intitulado *Nem Memória nem Mito – uma história em construção* por se tratar da conclusão da pesquisa. No segundo volume foi incluída a filmografia de Arne Sucksdorff, para que o leitor, a partir do conhecimento da obra do cineasta, pudesse conhecer os seus filmes. Opção esta de caráter estritamente metodológico, uma vez que permitiu uma melhor sistematização e, conseqüentemente, leitura das informações.

Em contrapartida, esta publicação ficou mais rica, uma vez que, além da pesquisa original, foi adicionada uma outra pesquisa – a de imagens e documentos – para ilustrar os volumes desta coletânea. O que hoje me levou a percorrer as principais cidades do antigo Mato Grosso do período pesquisado – 1888 a 1970 –, portanto quando o Estado ainda era uno. A “garimpagem” de imagem empreendida em Cuiabá, Campo Grande, Aquidauana e Corumbá, resultou, além de uma importante documentação visual – fotografias, filmes e imagem de documentos –, em novas informações dos moradores, parentes e de

personagens que participaram da trajetória do cinema nestas cidades. Não tive dúvidas em incorporá-las ao texto original, porém com o cuidado de sinalizá-las ao leitor, sempre que mencionadas, para que possa melhor situar-se no tempo das informações e, principalmente, quanto ao texto original.

Após quinze anos de empreitadas frustrantes, em todas as esferas do país, em busca de recursos para esta publicação, enfim conseguimos realizar o intento em momento especial, ao celebramos os 100 anos da primeira sessão de cinema na capital do Estado, portanto, em Mato Grosso. O sentimento não poderia ser outro que não o de vitória e abertura de um novo ciclo na vida.

Vitória esta que quero compartilhar com todos os amigos que não me deixaram sucumbir e me motivaram a prosseguir pela realização deste sonho: Marina Müller, Elizabeth Madureira, Serafim Bertolotto, Léa de Souza Oliveira, Nileide Souza Dourado, Ana Mesquita, Glória Albues, Lúcia Palma, Rai Reis, Adriana Milano, Lidiane Barros, Danilo Barreiro, Andréia Vigo, Cândido Alberto da Fonseca; à irmandade do cinema brasileiro representada por Hermano Pena, Edna Fujji, Toni Venturi, Beto Brant, Joel Pizini, Francisco César Filho, Lírio Ferreira, André Luis da Cunha, Tata Amaral, Geraldo Moraes e Fernando Adolfo; aos parceiros institucionais RG Dicke, Instituto Usina, e especialmente aos bravos guerreiros do Instituto Cultural América, representados por Cibele Bussiki, Diego Baraldi, Carol Guimarães, Keiko Okamura, Adriana Lemoz, Aloísio Azevedo e Andrea Preza.

Ainda que o sentimento seja o mais otimista e de gratidão aos promotores que tornaram possível esta publicação, governador Blairo Maggi, governador André Puchinelli, e magnífico reitor Paulo Speller, não posso deixar de registrar a necessidade de maior investimento na publicação do conhecimento desenvolvimento na região e, principalmente, a imperiosa tarefa de preservar e difundir a matéria desta memória, nossos filmes.

A todos uma boa leitura.

**Luiz Carlos de Oliveira Borges**

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação.....                                      | 13  |
| Introdução .....                                       | 23  |
| 1 Dos primórdios ao cinema sonoro .....                | 29  |
| A era dos cinematógrafos 1903 a 1909 .....             | 35  |
| A era dos cinemas .....                                | 51  |
| A segunda década .....                                 | 62  |
| 2 Da chegada do som a II Guerra Mundial .....          | 69  |
| A década de 40.....                                    | 82  |
| 3 Das obras oficiais a Arne Sucksdorff.....            | 95  |
| A década de 60.....                                    | 109 |
| Conclusão .....  | 139 |
| Nem memória, nem mito: Uma história em construção..... | 141 |
| Fontes e Referências.....                              | 145 |

INSTITUIÇÕES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Cinemateca Brasileira

Folha do Estado

Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul

PARTICULARES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Cosme dos Santos

ABREVIATURAS UTILIZADAS  
NO CRÉDITO DAS IMAGENS

ANI – Autor não identificado

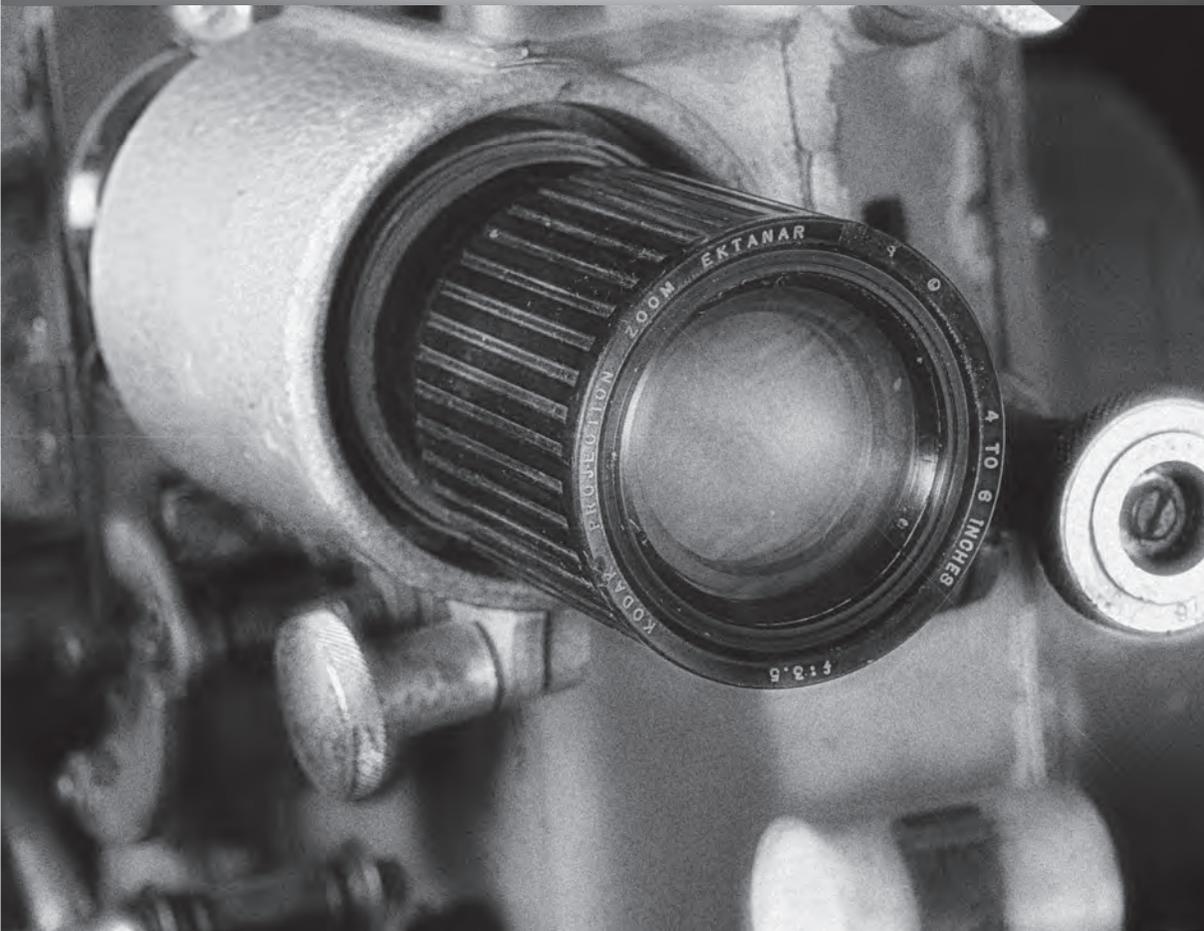
AP – Arquivo Público de Mato Grosso

CBM-FR – Casa Barão de melgaço – Acervo da Família Rodrigues

Cedoc – Arquivo do Centro de Documentação da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso, depositado  
no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

MIS-MS – Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul

# *Introdução*





Em 1988, quando iniciei a preparação das bases referenciais para a elaboração de um projeto de pesquisa sobre o cinema em Mato Grosso, deparei-me com um universo de informações dispersas e repleto de lapsos temporais, onde presente e passado eram instâncias inarticuláveis.

No presente, o que de concreto havia era a presença do cineasta sueco Arne Sucksdorff, radicado desde 1967 no Pantanal mato-grossense e cuja obra era considerada a única manifestação local do cinema. A imagem de Sucksdorff era a de um grande cineasta, internacionalmente famoso, premiado pela Academia Americana e “pai” do Cinema Novo brasileiro. A força das qualidades a ele atribuídas no meio cultural mato-grossense o transformava em autêntico mito.

Sobre o passado do cinema no Estado, o quadro referencial era ainda mais escasso. Nada além das pesquisas realizadas por José Octávio Guizzo – reunidas nas publicações *Alma do Brasil* e *Esboço Histórico do Cinema em Mato Grosso*. Uma contribuição capital, porém vinculando o passado cinematográfico mato-grossense à iconografia do recém-criado Mato Grosso do Sul, só implantada em 11 de outubro de 1977. Quanto ao restante, o vazio parecia ser a característica fundamental do período anterior aos anos 60.

Mato Grosso, por sua específica localização no centro do continente sul-americano, foi palco das mais variadas estratégias geopolíticas de ocupação. No passado em nome da Coroa Portuguesa, no presente pela garantia da soberania nacional na Amazônia brasileira. A formação de sua sociedade foi marcada por ciclos que marcavam períodos de desenvolvimento econômico sucedidos por décadas de estagnação.

De um certo requinte palaciano experimentado num distante passado “áureo” com as belas-artes provenientes da Europa, Cuiabá viveu imersa em profundo marasmo cultural até o final do século 19, quando da reabertura da navegação do Rio Paraguai. Com esta rota, a cidade se inseriu no grande fluxo de comércio externo, que trouxe também novas idéias e novas formas de expressão artística – entre elas o espetáculo cinematográfico.

Nos primórdios do século 20, mais precisamente em 1903, a sociedade mato-grossense entrou em contato com as imagens do cinema. Muitos realizadores, desde então, a ele dedicaram suas vidas, seja no âmbito do registro documental, seja nas esparsas produções no território da ficção. Pouco mais de um século não foi suficiente, no entanto, para que esta sociedade formasse a sua memória do cinema, ou sequer reconhecesse a contribuição cultural destes realizadores.

Em contrapartida – embora concretamente pouco se soubesse sobre seus filmes, mesmo os que ele realizara no Brasil –, esta mesma sociedade projetou em torno de um cineasta estrangeiro, representado por Arne Sucksdorff, a sua necessidade de auto-reconhecimento no campo cinematográfico.

O cinema realizado no Estado se apresentava como uma arte menor, enquanto a sociedade se via legitimamente representada por outras formas de expressão artísticas mais conhecidas, como o teatro, as artes plásticas, a música e a literatura.

A presente pesquisa não tem por objetivo questionar o mérito e a legitimidade que esta sociedade conferiu às mencionadas formas de expressão. Cada uma delas passou por processos históricos distintos, mesmo que por vezes inter-relacionados, e que apresentaram resultados estéticos e cumpriram funções culturais igualmente distintas. O que realmente nos interessa é identificar os fatos e as circunstâncias que não permitiram o reconhecimento e a incorporação do cinema como forma de expressão cultural de Mato Grosso.

Das manifestações culturais que marcaram a história do Estado, o que foi que a memória social relacionou para guardar e o que foi descartado?

Ao contrário do que o título possa sugerir, *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso* não tem nos territórios da memória e do mito o campo específico de sua investigação. A pesquisa trata da trajetória do cinema no Estado – seus realizadores, as salas de exibição, seus programas e a crítica – cotejando-a com aspectos da realidade atual do cinema nesta região. A partir da investigação sobre a origem e o desenvolvimento do cinema em Mato Grosso e do estudo da possível contribuição de Arne Sucksdorff ao cinema brasileiro, é certo que vá contribuir também para uma melhor compreensão do processo de memória e esquecimento na sociedade mato-grossense e, de maneira correlata, elucidar como se dá a construção de um mito.

Uma vez que os temas “Cinema em Mato Grosso” e “Arne Sucksdorff” suscitam enfoques diferentes, o presente estudo foi desenvolvido em dois eixos distintos. Igualmente diferenciadas são as fontes de informação utilizadas. Na primeira parte, que resultou no primeiro volume desta coletânea é intitulada *Memória do Cinema em Mato Grosso*, as referências predominantes foram documentos escritos publicados pela imprensa mato-grossense. Na segunda, que compreende o segundo volume, intitulada *Mito do Cinema em Mato Grosso*

– *Arne Sucksdorff*, além de documentos impressos utilizou-se também fontes orais. E como corolário da pesquisa realizada, a terceira parte surgiu inicialmente por meio da reunião da filmografia do cineasta, da produção mato-grossense e dos filmes brasileiros exibidos ou não no Estado, intitulamos *Filmografia do Cinema em Mato Grosso*.

Devido à quase absoluta ausência de referencial teórico sobre a sétima arte no Estado, constituíram-se como fonte documental para a pesquisa os arquivos da imprensa mato-grossense depositados no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (NDIHR/UFMT) – o mais completo e abrangente do Estado – e com documentos em razoável estado de conservação e acessibilidade. A utilização desta fonte propiciou o estabelecimento de algumas das relações do cinema com a sociedade e o Estado. Permitiu o conhecimento da crítica local, de realizadores e seus filmes e das salas de exibição; um cotejamento com o quadro da produção cultural mato-grossense em outras áreas – fotografia, artes plásticas, teatro e música – e a contextualização do desenvolvimento do cinema em Mato Grosso com a trajetória do cinema brasileiro. Uma preocupação adicional foi descrever a forma como o cinema era apresentado na imprensa, que espaço ocupava, e, ainda, como era feita a paginação e a impressão dos periódicos.

Sobre a produção cultural mato-grossense, foram utilizadas como referencial teórico as pesquisas de Carlos Francisco Moura, *As Artes Plásticas em Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX*; Lenine Campos Póvoas, *História da Cultura Mato-Grossense*; Alcides Moura Lott, *Teatro em Mato Grosso – Veículo de Dominação Colonial*; Rubens de Mendonça, *Ruas de Cuiabá*; Aline Figueiredo, *Artes Plásticas no Centro-Oeste e Arte Aqui é Mato*; e Cássio de Veiga e Sá, *Memórias de um Cuiabano Honorário* –, além dos já mencionados trabalhos de José Octávio Guizzo.

O período pesquisado neste levantamento compreende desde os primórdios da invenção do cinema, 1888, até a chegada de Sucksdorff a Mato Grosso, em 1967, portanto quando o Estado era uno. Dos periódicos, foi escolhido um dos mais antigos – e já extinto – o jornal *O Estado de Mato Grosso*, fundado em 1939.

Para o período anterior a esta data, foram escolhidos jornais diversos, os quais cobriram o melhor de cada década, ou mesmo cada ano. Na ausência de forma sistemática a pesquisa tem suas limitações dado o desfalque de coleções acessíveis.

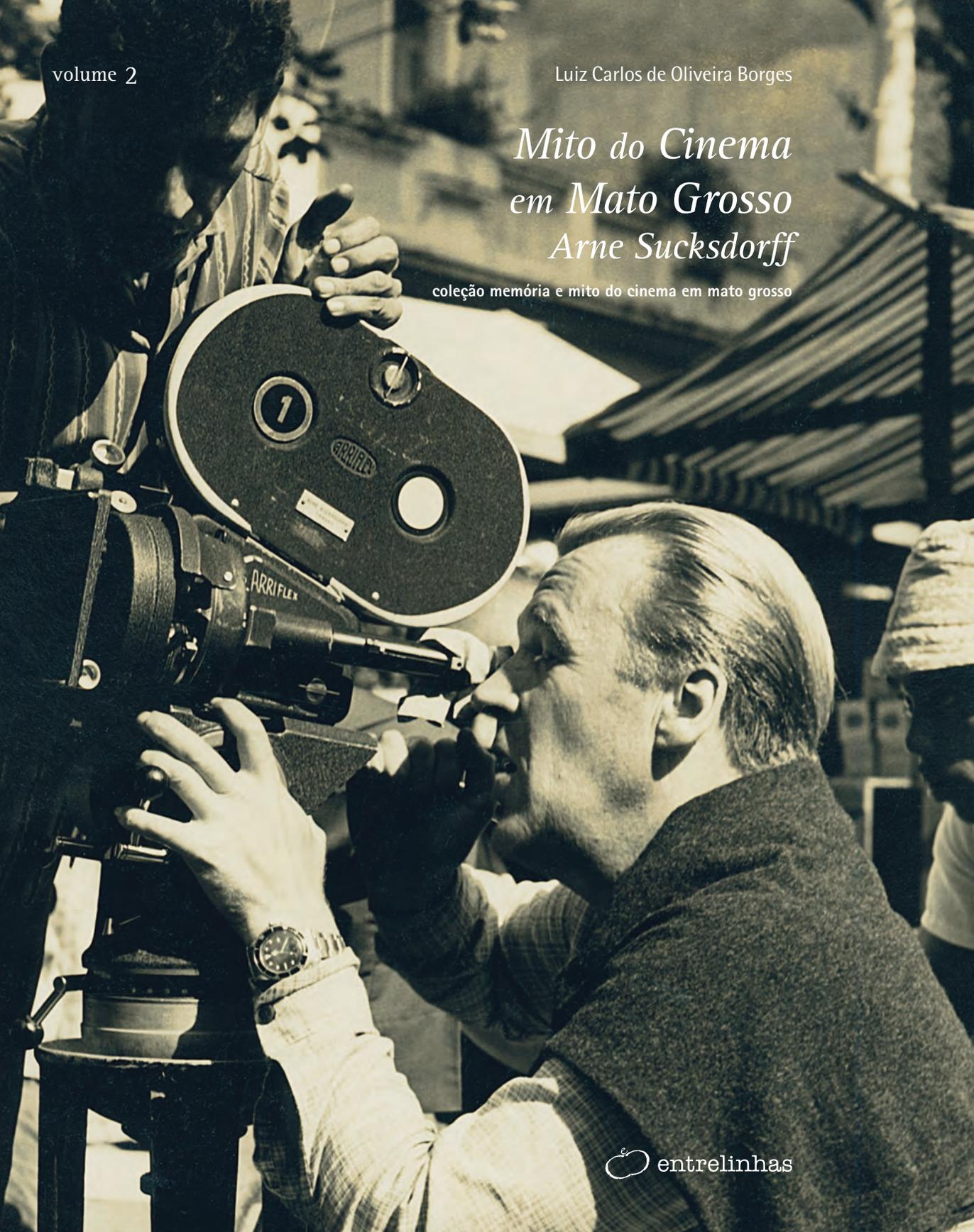
Do século 19 até meados de 1930, os jornais micro-filmados do NDIHR apresentavam grandes lacunas em sua periodicidade e, muitas vezes, com sinais de grande deterioração do documento original, dificultando muito, ou

volume 2

Luiz Carlos de Oliveira Borges

*Mito do Cinema  
em Mato Grosso  
Arne Sucksdorff*

coleção memória e mito do cinema em mato grosso



Luiz Carlos de Oliveira Borges

volume 2

*Mito do Cinema  
em Mato Grosso  
Arne Sucksdorff*

coleção memória e mito do cinema em mato grosso



entrelinhas

Cuiabá | 2008

© Luiz Carlos de Oliveira Borges, 2008.



Editora Maria Teresa Carrión Carracedo  
Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo  
Diagramação | Capa Helton Bastos  
Foto da capa Dib Lutfi | Acervo da Cinemateca Brasileira



Pesquisa de imagens Adriana Lemoz  
Wanessa Prado  
Marinete Pinheiro  
Alessandra Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Borges, Luiz Carlos de Oliveira  
Mito do cinema em Mato Grosso : Arne  
Sucksdorff/ Luiz Carlos de Oliveira Borges. --  
Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2008. -- (Coleção  
memória e mito do cinema em Mato Grosso ; 2)

Bibliografia.

ISBN 978-85-87226-59-4

1. Cineastas 2. Cinema - Mato Grosso -  
História 3. Cultura - Mato Grosso 4. Indústria  
cinematográfica - Mato Grosso 5. Sucksdorff,  
Arne, 1917-2001 I. Título. II. Série.

08-02493

CDD-791.43098172

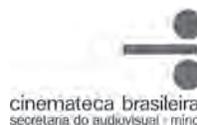
---

Índices para catálogo sistemático:

1. Mato Grosso : Cinema brasileiro : História  
e crítica 791.43098172



Patrocínio



Apoio

Em memória de  
Arne Sucksdorff



## Agradecimentos

Adalberto Eberhard | Alberto Salva  
Analzita Müller | Antônio Carlos Fontoura  
Arne Sucksdorff | Carlos Augusto Dauzacker Brandão  
Carla Maria Cartocci | Dib Lutfi  
Eduardo Escorel | Elizabeth Madureira Siqueira  
Fabrício Carvalho | Jaime Del Cueto  
João Carlos Vicente Ferreira | Joel Barcelos  
Lidiane Barros | Liette Alves  
Luciene Carvalho | Lucila Bernardet  
Luzia Guimarães | Maria Graça de Jesus Sucksdorff  
Maria Santíssima de Lima | Maria Teresa Carrión Carracedo  
Mário Castro | Maria Rita Eliezer Galvão  
Moacir Santana Barros | Néelson Xavier  
Névio Lotufo | Nilo de Oliveira  
Paulo Speller | Sergio M. Pasinoto Amorim



Reconhecendo a importância do cinema como instrumento de comunicação social, a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, desde a sua criação, tem investido nessa área, até como forma de ampliar a sua ação cultural, seja por meio de mostras destinadas à formação de platéia, seja com a criação do Cineclubes Coxiponés na década de 70, seja por intermédio do Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá, que fortaleceu a retomada da produção de filmes e vídeo na região, ou ainda através da televisão, que apóia e difunde o audiovisual em nosso Estado.

No momento em que se comemoram os cem anos de cinema em nosso Estado, nada mais oportuno do que a edição de uma obra que é resultado de um trabalho científico produzido por um técnico de nosso quadro institucional, Luiz Carlos de Oliveira Borges.

A coletânea *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso* contempla o período de 1888-1970 e, com certeza, amplia o horizonte da ação desta Universidade em termos de produção de conhecimentos no âmbito da história do cinema na região. Demonstra também a importância do segmento técnico-administrativo da UFMT na produção de conhecimento.

O volume *O Mito do Cinema em Mato Grosso* resgata as importantes contribuições do cineasta sueco/pantaneiro Arne Sucksdorff para o desenvolvimento do cinema brasileiro e o insere, juntamente com Maria Sucksdorff, sua esposa, entre os pioneiros da causa ambientalista em nosso Estado, tendo em vista que foram ativos defensores do Pantanal, lembrando ainda que foi sua a idéia de criação da primeira reserva biológica de Mato Grosso.

Esta universidade, que em sua origem é conhecida como Uniselva, reafirma, por ocasião do centenário do cinema em Mato Grosso e do lançamento desta publicação, o compromisso histórico de promover o desenvolvimento da sociedade mato-grossense de forma auto-sustentável. Renova, igualmente, seu empenho em contribuição para o fortalecimento e a consolidação de instituições democráticas e compromissadas com a ética e com o respeito à diversidade humana e cultural.

Cumprimentamos os governos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul pela oportuna iniciativa, que revela a percepção de seus dirigentes de que, não obstante a divisão geopolítica, os dois territórios permanecem unidos e próximos por indestrutíveis afinidades histórico-culturais.

**Paulo Speller**

*Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso*



Nos anos em que estive à frente do Cineclube Coxiponés desta Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Luiz Carlos de Oliveira Borges, já havia demonstrado a sua firme determinação em elevar o cinema em Mato Grosso como uma arte maior. Destaco aqui duas ações nesse sentido: a aquisição do acervo de Lázaro Papazian e a criação do Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá.

Agora com a publicação de *Mito do Cinema em Mato Grosso*, mostra as origens de sua motivação e da animação audiovisual. Por meio de uma pesquisa científica gera informação, conhecimento e pensamento crítico, que foram adquiridos por meio de um programa de pós-graduação na Universidade de São Paulo – USP, estimulado por esta Universidade.

Este é o diferencial que a Cultura da UFMT apresenta historicamente ao Estado. O talento e a genialidade dos artistas são incentivados juntamente com a produção de conhecimentos e a sua transmissão à sociedade, cumprindo assim um dos maiores valores que a arte pode agregar em todas as suas manifestações.

Infelizmente percebemos que condutas como essas são raras em nossa sociedade. O cinema historicamente foi relegado, tendo muitas de sua essência se perdido durante os últimos 100 anos. Em especial, notamos a trajetória do cineasta Arne Sucksdorff e sua esposa Maria. Elevados à qualidade de verdadeiros mitos do Estado, na vida real foram expropriados, sofreram atentados e beiraram ao abismo dos infernos pelo sonho de manter o Pantanal um paraíso na terra. Agora se entende o motivo do silêncio de Sucksdorff e a interrupção prematura de sua carreira.

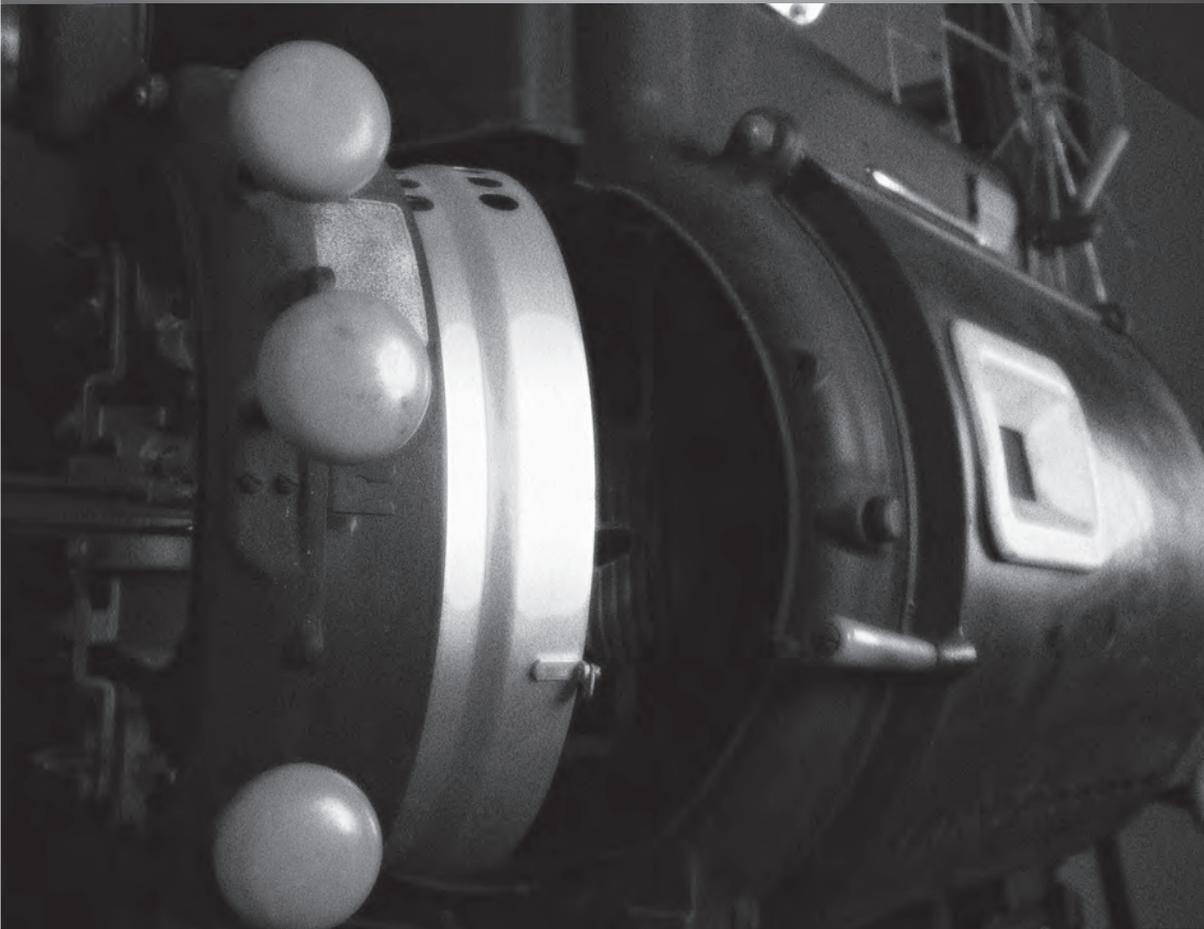
*Mito do Cinema em Mato Grosso* tem o mérito de inserir Arne Sucksdorff no desenvolvimento do cinema brasileiro, estabelecendo suas relações com o Cinema Novo, e mais que isso, promove a inserção de Mato Grosso, sua história e seus personagens na historiografia do cinema brasileiro.

**Fabricio Carvalho**

*Coordenador de Cultura da Universidade Federal de Mato Grosso*



# *Apresentação*





## O RESGATE DE UM TEMPO HERÓICO

O cinema brasileiro ressen-te-se – apesar do número razoável de obras sobre a sua historiografia e resgate de uma parcela de sua memória – de uma pesquisa que realmente acrescente dados novos à sua história tomada de uma forma mais ampla e diversificada, sem a redundância que acaba levando parte dos nossos pesquisadores à repetição, a esta altura cansativa e reiterativa, dos mesmos nomes, movimentos e fatos estudados anteriormente.

Raros são aqueles autores que se debruçam sobre aspectos pouco analisados, seja sobre personalidades importantes da nossa história cinematográfica ou, menos ainda, sobre o cinema, muitas vezes heróico, feito em regiões brasileiras distantes do eixo hegemônico carioca/paulista.

Luiz Carlos de Oliveira Borges, com este *Memória e Mito do Cinema de Mato Grosso*, é, felizmente, uma dessas raridades.

A ampla e certamente exaustiva pesquisa que redundou neste trabalho de Borges acabou resultando num estudo que transbordou as fronteiras do velho Mato Grosso antes da sua divisão em dois, num esartejamento promovido pelo autoritarismo ditatorial, para atingir outras terras e acabar nas areias de Copacabana na boa companhia do sueco/brasileiro/mato-grossense/pantaneiro Arne Sucksdorff.

Borges dividiu com muita competência o seu espaço dedicado ao cinema de ontem com o contexto sócio-econômico, e sobretudo político, no qual foram realizados os primeiros trabalhos dos pioneiros cinematográficos – desde aqueles “empresários” de um cinema meio mambembe, meio ambulante, que enfrentavam todas as agruras e dificuldades do interior brasileiro para mostrar a grande novidade dos “cinematógrafos”, a maioria vinda de terras francesas,

até os primeiros cineastas autodidatas que se aventuravam a fazer seus primeiros filmes.

*Memória do Cinema em Mato Grosso*, o volume 1 tem, desde o seu início, o grande mérito de situar Mato Grosso como um todo, desde a sua ocupação pelas Bandeiras do século 18, passando pela importância que a navegação da Bacia do Prata teve para os dois grandes centros mato-grossenses da época, as rivais Cuiabá e Corumbá, até as tentativas – em grande parte frustradas – de fazer chegar àquelas terras algumas formas de progresso econômico e cultural. Borges não deixa de lembrar que Mato Grosso, desde o seu início, foi vítima de uma das grandes fontes de atraso, existente em todo o nosso interior, da consolidação das oligarquias, que, além de donas da terra, também controlavam a vida e a morte de todos os que habitavam nos seus limites feudais.

O resgate da memória sobre as primeiras salas de cinema e as práticas que envolviam aquele comércio é inestimável: nele descobrimos como o cinema, desde o seu aparecimento em Mato Grosso, adquiriu uma importância que transcendia à própria arte e à diversão. Detalhes deliciosos como o incômodo causado aos espectadores pelos então elegantes – e monumentais – chapéus com que as senhoras compareciam às salas de exibição, as trilhas sonoras dos filmes mudos sendo fornecidas pelas bandas da polícia militar, as sessões beneficentes e o privilégio das cadeiras permanentemente reservadas às autoridades, dizem mais do que os seus aspectos jocosos: acrescentam informações importantes sobre a estrutura social de épocas passadas, mas importantes de nossa História.

Ao longo deste primoroso trabalho de pesquisa o leitor tomará conhecimento da chegada da cultura norte-americana às terras mato-grossenses através dos filmes da Fox, da Paramount e da Metro Goldwyn, e as tentativas de brasileiros como Francisco Serrador e Roquete Pinto de realizar filmes “mato-grossenses” – na verdade documentários sobre a recém implantada Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – e, claro, sobre os indefectíveis índios, animais e florestas da região. Serão apresentados também aos filmes de “cavação”, às vezes verdadeiros estelionatos culturais.

Figuras históricas como Cândido Rondon e Luiz Thomas Reis, Paulino Botelho e José Medina, o armênio Lázaro Papazian – que nos legou 178 filmes, todos precisando de preservação e restauração –, os cineastas Alexandre Wulfes e Líbero Luxardo, e até o lendário estruturalista Claude Lévi-Strauss e sua mulher Dina aparecem neste trabalho de Luiz Carlos de Oliveira Borges, cada um com seus feitos e contribuições à cultura e ao cinema de Mato Grosso.

O segundo livro *Mito do Cinema em Mato Grosso – Arne Sucksdorff*, dedicado a Arne Sucksdorff, é uma verdadeira pérola dedicada à memória do nosso cinema, sobretudo da época do Cinema Novo até praticamente aos

dias de hoje. De uma maneira isenta, mas ao mesmo tempo engajada, na busca da verdade dos importantíssimos fatos gerados pela vinda ao Brasil do documentarista sueco, convidado para dar um curso de cinema e que acabou transcendendo em muito os seus aspectos didáticos/profissionais, a ponto de se fixar no Brasil, onde, no Pantanal, continuou seus trabalhos, ligados sobretudo à natureza e sua preservação.

As idéias de Sucksdorff, um adepto do cinema-verdade, entraram em colisão com as propostas dos cinemanovistas, sobretudo devido aos seus aspectos político-ideológicos, mais do que os estéticos. Sempre que se discutir as “cosméticas” versus as “estéticas” da fome, as idéias de Sucksdorff a respeito permanecerão sempre atuais. Mas foi a sua contribuição para a modernização do nosso cinema através do uso de equipamentos de filmagem adequados – na época raros no Brasil, como moviolas e câmeras leves, importados por ele – e as suas teses de subordinação das idéias cinematográficas à pesquisa prévia, o aspecto mais marcante de sua presença na história e na memória do cinema brasileiro.

A coletânea *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, por estas e muitas outras razões que o leitor descobrirá ao longo de sua leitura, reveste-se de aspectos que a tornam uma obra imprescindível, não só para aqueles interessados na história do nosso cinema, mas também para a memória cultural brasileira como um todo. A obra, em verdade, é uma verdadeira vacina contra o Alzheimer que ainda hoje ataca o registro da nossa herança histórica.

Para todos que têm consciência da importância dessa memória para a nossa soberania, o trabalho de Borges é uma fonte de consulta primorosa. Para aqueles brasileiros que ainda não adquiriram esse conhecimento, este trabalho é uma oportunidade imperdível para fazê-lo.

**Carlos Augusto Dauzacker Brandão**

*Diretor do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro (CPCB)*

*Presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACC-RJ)*



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

A presente publicação *Mito do Cinema em Mato Grosso – Arne Sucksdorff* é resultado da pesquisa de mestrado realizada no período de 1988-1991 na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, USP – sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Maria Rita Eliezer Galvão – intitulada *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, reunida em 3 volumes.

Dada a publicação em livros separados, para melhor compreensão do leitor, apresentamos um sumário do primeiro volume para entendimento do recorte proposto pela organização da pesquisa, volume intitulado *Memória do Cinema em Mato Grosso*, no qual tratamos da trajetória do cinema no Estado sob a ótica da imprensa mato-grossense no período de 1888-1970, quando da chegada do cineasta sueco Arne Sucksdorff à região. Da primeira sessão de cinema, o estabelecimento das primeiras salas, as produções realizadas no Estado e, ainda, o cotejamento do cinema com o teatro, música, literatura, artes plásticas e demais atividades artísticas da sociedade mato-grossense. Por último, estabelecemos a relação do desenvolvimento do cinema no Estado com o desenvolvimento do cinema brasileiro e com as políticas de cada governo. O que nos permitiu constatar, como principal característica deste processo, o fato de o cinema em Mato Grosso ser considerado uma “arte menor”, conceito este fundamental para se compreender a construção do mito – Arne Sucksdorff: e o desejo de reconhecimento e realização desta sociedade no campo cinematográfico. A “aventura” cinematográfica realizada por brasileiros e mato-grossenses, que resultou em centenas de filmes, não foi suficiente para ser incorporada na memória social do Mato Grosso e no restante do país. Foi descartada, e, em seu lugar, ocupou-se na construção de um mito em torno de um cineasta estrangeiro.

Este “apagão”, a princípio involuntário, sobre a memória do cinema em Mato Grosso, e a presença de Sucksdorff no Estado – ainda que este também tenha encontrado bastante dificuldade para realizar seus filmes, que resultou na interrupção prematura de sua carreira e seu abandono – constituiu-se o campo sobre o qual esta pesquisa foi realizada, assunto do qual trata este segundo volume.

O cinema adentrou em minha vida há muito tempo por meio de minha mãe que, em minha infância, me levava para assistir às sessões no magnífico Cine Tropical, em Cuiabá. Após a exibição dos filmes, ela rabiscava o desenho dos vestidos das atrizes, Rita Hayworth, dentre outras, e os confeccionava. Muitos anos depois, foi o contato com o cineasta Arne Sucksdorff que despertou o meu interesse em abandonar uma carreira de Administrador de Empresas na Universidade Federal de Mato Grosso e me enveredar pelos caminhos do cinema. Também não era por menos, naquele momento, em Cuiabá, em torno de Arne Sucksdorff surgia o que podemos chamar de consciência ambiental, as primeiras comunidades alternativas de Chapada dos Guimarães-MT, e as primeiras organizações ambientalistas, precisamente em 1985: a Associação Matogrossense do Meio Ambiente, AME Mato Grosso, tendo à frente Bené Fonteles, Heitor Queiroz, Theodoro Irigaray, Juarez de Souza Gonçalves, José Guilherme Aires de Lima, Luck de Oliveira, dentre outros; a Associação para Conservação do Meio Ambiente, Arca, na Chapada dos Guimarães, sob a coordenação de Ari Ribeiro e Judith Cortezan, com os quais compartilhei, anos mais tarde, por quatro anos, a vice-presidência desta entidade, e demais colegas como Décio César, Sérgio Andrade, Ediviges Maria Villá, Jorge Belforth Matos Jr., e os já mencionados Juarez e José Guilherme, dentre outros. Na ponta do outro lado deste movimento ambientalista nascia também um grupo de técnicos-executivos que resultou na formação da Ecotrópica, de Adalberto Eberhard e Analzita Müller, e o Ipeca, Instituto Currupira-Araras. Era um momento de religar-se à natureza e da valorização da tradição e experiências da cultura popular, por conseguinte da sabedoria dos mais velhos, como era o caso de Sucksdorff, do velho Ramiro, que morava no sopé do morro São Gerônimo, e do Sr. Severiano da Mata Mamoré, hoje com cento e um anos de idade, morando ainda na Aldeia Velha, em Chapada dos Guimarães. Foi no bojo deste clima que realizei minha primeira incursão no mundo das imagens: o vídeo **Arca de Nois**.

O Movimento Artistas pela Natureza havia lançado o manifesto “Chapada Viva”, em 1988, na Galeria Funalfa, em São Paulo, pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães. Em meio a exposições de fotografias de Sérgio Guimarães e Mário Friedländer, pinturas de Miguel Oswaldo Pena, instalações do próprio coordenador do movimento – Bené Fonteles – shows de Luli e Lucina, Ney Matogrosso, **Arca de Nois** teve sua primeira exibição. Era um documentário sobre o IX Encontro de Entidades Ambientalistas Não Governamentais costurado com imagens de nascentes da Chapada dos Guimarães e Hai Kais, de Bené Fonteles.

Naquele momento, Arne reapareceria mais uma vez na minha vida, e desta vez de forma definidora. O primeiro contato fora promovido por Mário Castro e Analzita Müller.

Na sessão do vídeo, na Galeria Funalfa, Sônia Regina de Brito, da Secretaria do Meio Ambiente do Rio de Janeiro, ao assistir à exibição de **Arca de Nois** me fez um convite para exibi-lo na semana seguinte no Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, fazendo parte de uma mostra de filmes do Arne Sucksdorff, e também na Praça de Ipanema, com o último depoimento de Chico Mendes, recém-assassinado.

Neste reencontro com Sucksdorff: agora não mais apenas no apaixonado território das causas ambientalistas, mas com parte de sua obra –, pude observar que por trás daquele homem de idéias brilhantes para o planeta e para a humanidade o cinema, no Brasil, fazia a sua história. Esta constatação foi definitiva para eu decidir pela realização desta pesquisa.

Contribuía também de forma motivadora o fato de que ele não vivia em seus melhores dias em Mato Grosso. Estava sozinho, sem sua companheira amada, Maria Graça de Jesus Sucksdorff, o mal de Parkinson dificultava sua locomoção e, principalmente, a suspeita de um câncer dava urgência à necessidade de conhecer melhor este homem e, principalmente, o seu cinema. Ainda que fosse contra sua vontade, porque sempre quando perguntado sobre o cinema brasileiro Sucksdorff se recolía em profundo silêncio.

Decidi ingressar no programa de pós-graduação da ECA, e a proposta desta pesquisa sensibilizou a orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Rita Eliezer Galvão, a quem sou muito grato, cuja participação foi de maior importância para o resultado apresentado. Gratidão esta em igual valor a Maria Sucksdorf pela coragem, verdade e sinceridade em seu depoimento dos anos vividos ao lado do cineasta, dos momentos felizes aos momentos mais difíceis de sua vida, o seu encontro com a sua espiritualidade, o resgate dos filhos, o que nos deixa uma importante lição de vida e uma bela história de amor.

Hoje, ao publicar esta pesquisa, infelizmente Arne Sucksdorff não se encontra vivo. No dia 4 de maio de 2001 faleceu, solitário, em Estocolmo. Seu último pedido em vida foi que suas cinzas fossem lançadas sobre o santuário ecológico que ele ajudou a divulgar e preservar em Mato Grosso: o Pantanal.

Suas cinzas, nesta lembrança reavivada, se unem às de inúmeros cineastas estrangeiros, brasileiros e mato-grossenses e se transformam em indispensável alimento àqueles que ainda nestes cem anos de cinema no Estado lutam para que o cinema em Mato Grosso deixe definitivamente de ser considerado uma arte menor, que a sociedade e instituições promovam o seu pleno desenvolvimento e, principalmente, preservem a sua memória.

**Luiz Carlos de Oliveira Borges**



|  |     |
|--|-----|
| Apresentação.....                                      | 13  |
| Introdução .....                                       | 25  |
| 1 Arne Sucksdorff em Mato Grosso .....                 | 31  |
| 2 Arne Sucksdorff na Suécia.....                       | 51  |
| 3 Arne Sucksdorff e o Cinema Brasileiro .....          | 69  |
| Conclusão .....  | 97  |
| Nem memória, nem mito: Uma história em construção..... | 99  |
| Filmografia de Arne Sucksdorff .....                   | 103 |
| Fontes e Referências.....                              | 117 |
| Fontes.....  | 119 |
| Referências .....                                      | 155 |

INSTITUIÇÕES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Instituto de Memória do Poder Legislativo de Mato Grosso  
Folha do Estado  
Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

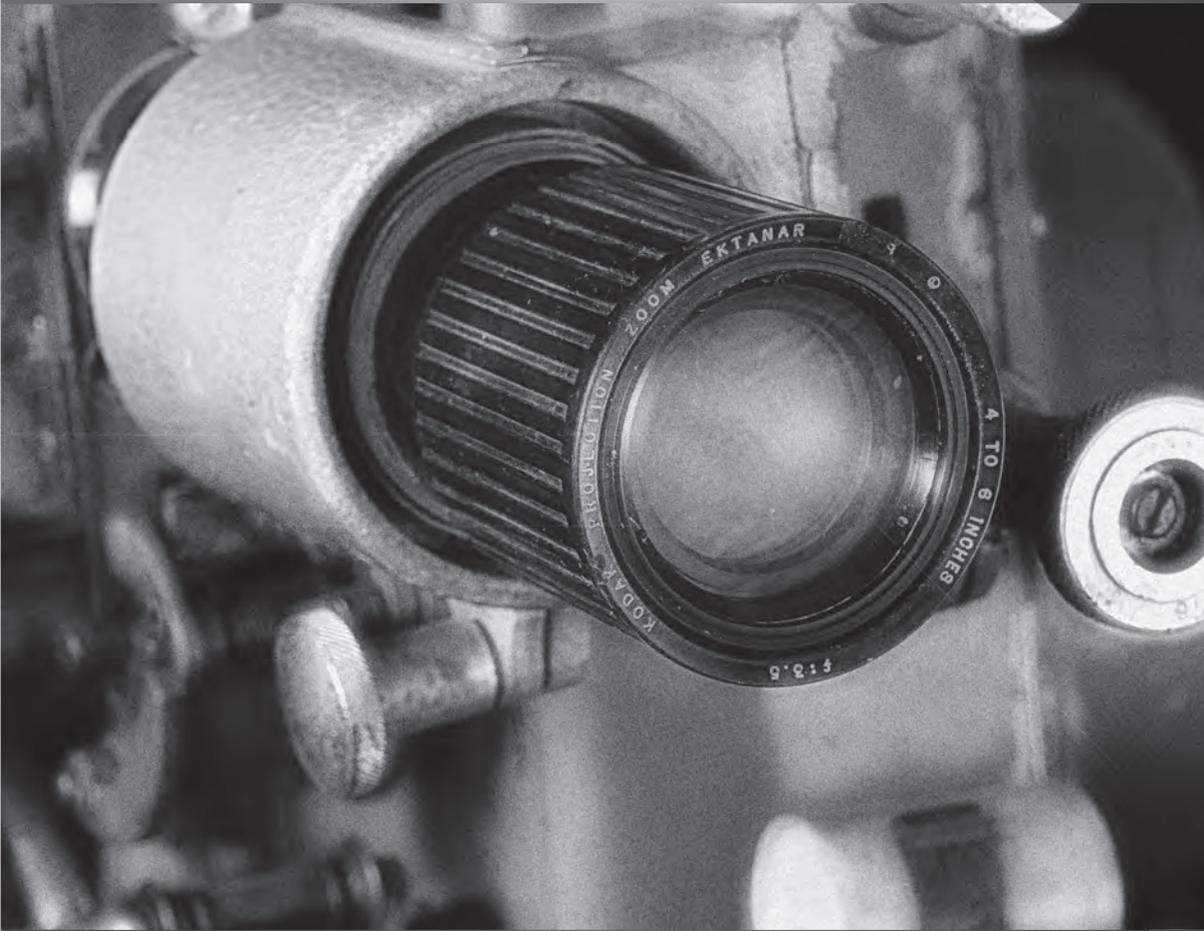
PARTICULARES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Cosme dos Santos  
Mário Castro  
Maria Graça de Jesus Sucksdorff

ABREVIATURAS UTILIZADAS  
NO CRÉDITO DAS IMAGENS

ANI – Autor não identificado  
MAM-RJ – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

# *Introdução*





Aos oitenta e oito anos de idade, o cineasta sueco Arne Sucksdorff habitava a restrita constelação formada por homens simples que, norteados por um ideal humanitário, fizeram do seu ofício a expressão deste ideal, transformando suas vidas numa inquietante busca. Esperavam, com isso, melhorar os destinos da humanidade.

Dada a pouca divulgação de sua obra e o seu silêncio voluntário, o pouco que se conhece sobre o cineasta no Brasil é permeado ora por estranhamento, ora pela atribuição de qualidades mitificadoras.

Em seu país, onde viveu de 1917 até 1962, Arne Sucksdorff realizou quinze curtas-metragens e dois longas-metragens, no período de 1936 a 1960. Neste mesmo período fez, ainda, outros dois curtas-metragens e um longa na Índia.

A quantidade de filmes realizados pelo cineasta, embora reveladora de sua vitalidade, pouco representa a qualidade e originalidade de enfoque que esses filmes apresentam. Sucksdorff se revelou um exímio documentarista, desenvolvendo técnicas de registro dos animais em seu estado natural, nunca antes praticadas, e elegendo temas que promoviam uma bem humorada e irreverente expiação da condição humana e da vida em sociedade.

Se estes dados, a princípio, podem parecer pouco suficientes para compreender a importância deste homem no seu país, basta lembrar que ele foi o primeiro cineasta sueco a receber o prêmio concedido pela Academia Americana – o Oscar –, além de ser o realizador de um dos filmes mais populares e de grande êxito comercial da história do cinema sueco: **A Grande Aventura**.

Entretanto, Arne Sucksdorff representou para a Suécia *Um Estranho em Seu País*, conforme apropriado título da monografia de seu conterrâneo Mauritz Edstrom, um dos raros trabalhos acadêmicos sobre o cineasta. Edstrom atribuiu a ele, ao lado de Bergman e Alf Sjöberg, nos anos 40, a responsabilidade por tirar o cinema sueco do marasmo em que se encontrava desde 1925, pois seu trabalho rompia com a tradição literária e teatral do cinema que impregnava

volume 3

Luiz Carlos de Oliveira Borges

*Filmografia do Cinema  
em Mato Grosso*

coleção memória e mito do cinema em mato grosso

Luiz Carlos de Oliveira Borges

volume 3

*Filmografia do Cinema  
em Mato Grosso*

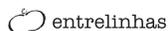
coleção memória e mito do cinema em mato grosso



entrelinhas

Cuiabá | 2008

© Luiz Carlos de Oliveira Borges, 2008.



Editora Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Diagramação | Capa Helton Bastos

Foto da capa ANI | Plano do Filme Território Xavante,  
de Massimo Sperandeo e Fernando Negreiros



Pesquisa de imagens Adriana Lemos

Wanessa Prado

Marinete Pinheiro

Alessandra Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Borges, Luiz Carlos de Oliveira

Filmografia do cinema em Mato Grosso / Luiz  
Carlos de Oliveira Borges. -- Cuiabá, MT :  
Entrelinhas, 2008. -- (Coleção memória e mito  
do cinema em Mato Grosso ; 3)

Bibliografia.

ISBN 978-85-87226-70-9

1. Cinema - Mato Grosso - Filmografia  
2. Cinema - Mato Grosso - História 3. Cultura -  
Mato Grosso 4. Indústria cinematográfica - Mato  
Grosso I. Título . II. Série

---

08-02494

CDD-791.43098172

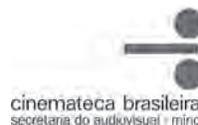
---

Índices para catálogo sistemático:

1. Mato Grosso : Cinema brasileiro : História  
e crítica 791.43098172



Patrocínio



Apoio

Em memória de  
Maria da Conceição e  
Padre Ernesto Camilo Barreto,  
meus tataravós que de Salvador-BA  
semearam o amor por Mato Grosso



## Agradecimentos

Américo Calheiros | Ana Carla Loureiro  
André Puccinelli | Arne Sucksdorff  
Cândido Alberto da Fonseca  
Carlos Augusto Drauzaker Brandão  
Elizabeth Madureira Siqueira | Lidiane Barros  
Lúcia Picanço | Maria Graça de Jesus Sucksdorff  
Maria Santíssima de Lima | Maria Teresa Carrión Carracedo  
Névio Lotufo | Nilo de Oliveira  
Paulo César Rocha | Paulo Speller | Tinho Costa Marques



Mato Grosso do Sul e Mato Grosso são Estados irmãos. Embora a separação tenha ocorrido há trinta anos, os laços culturais e de fraternidade permanecem. Para cultivar esse relacionamento, um dos recursos estratégicos é a união em torno da cultura, que ultrapassa fronteiras, aproxima povos, semeia entendimento. Participar da edição do livro *Filmografia do Cinema em Mato Grosso*, que resgata a trajetória do cinema neste Estado, incluindo neste registro as primeiras manifestações no que hoje é Mato Grosso do Sul, citando aí as cidades de Corumbá, Aquidauana e Campo Grande, reafirma nosso propósito de fortalecer essa aliança. O trabalho acadêmico de Luiz Carlos de Oliveira Borges passa a ser uma obra referencial no tema, abrindo novas perspectivas de estudo nesta área, estimulando o conhecimento da história do cinema em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e resgatando momentos históricos significativos da 7ª arte. O cinema, que sem dúvida é a arte magna no mundo contemporâneo, ainda tem muito a se desenvolver nestes Estados e revelar nossa cultura para o mundo, por isso é necessário nunca se afastar de suas raízes, suas primeiras manifestações, sua célula primária. Que esta parceria seja uma das muitas que possamos estabelecer na área cultural e em outras, consolidando assim, cada vez mais, uma história de irmandade, respeito e desenvolvimento comum a Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

**André Puccinelli**

*Governador do Estado de Mato Grosso do Sul*



Iniciativas como a desta publicação cumprem o importante papel de registrar o desenvolvimento do cinema mato-grossense, em um histórico abrangente e valioso. Para Mato Grosso do Sul, apoiar a *Filmografia do Cinema em Mato Grosso* é investir na preservação de nossa memória cultural em comum. Esse painel revela desde a importância do cine-jornalismo realizado nos primórdios da produção local até a discussão em torno da obra de Arne Sucksdorff, cineasta sueco radicado em Cuiabá.

Também queremos estreitar os laços para fortalecer a história da produção cinematográfica do Centro-Oeste, através do resgate de sua memória. A sucessão de aventuras e batalhas para fazer cinema em nosso solo merece ainda maior reconhecimento. Que cada oportunidade de lembrar este passado seja um estímulo para maior conservação e valorização de nossa cultura. Sabemos como o cinema é também uma janela de nossa realidade social, política e cultural mais íntima.

Vale mencionar ainda o mérito do livro de divulgar mais amplamente a pesquisa acadêmica de qualidade, que nem sempre chega ao público ou mesmo a novos pesquisadores de diferentes instituições.

**Américo Calheiros**

*Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul*



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Ainda que esta parte da pesquisa seja uma das que mais deu trabalho, dado ao rigor técnico e códigos exigidos para o estabelecimento das filmografias, sem dúvida esta é uma das mais importantes contribuições da pesquisa *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*. Desenvolvida por solicitação da orientadora do mestrado, Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Rita Eliezer, a filmografia dos filmes levantados na pesquisa constituem um importante banco de dados e informações referentes ao cinema em Mato Grosso no período de 1900 a 1970. Pela simples leitura das fichas é possível adentrar em um universo de particularidades e leituras globais sobre o cinema. Ali estão os artífices do cinema, as especificações dos filmes, suas exibições e, não menos importantes, as notícias publicadas sobre as fontes onde se encontram essas informações. Apesar de ser um trabalho de natureza eminentemente técnica, é de fácil compreensão.

Mais importante ainda é que esta filmografia certamente facilitará o trabalho de novos pesquisadores e instituições voltadas para o setor. Como é o caso do Museu da Imagem e do Som do Mato Grosso do Sul, que nos fornece um bom exemplo de como deve ser tratada a memória do nosso cinema: instalações adequadas, equipe de técnicos e pesquisadores qualificados e especializados, e permanentes exposições do acervo. Pois somente desta forma as contribuições de nossos predecessores, que escreveram com suas vidas a história do cinema em Mato Grosso nesses cem anos, podem ser perpetuadas às futuras gerações.

Esta publicação se tornou realidade graças à prontidão do apoio do governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli, e de seu secretário de Cultura, Américo Calheiros, aos quais sou muito grato, como também ao amigo cineasta Cândido Alberto da Fonseca pela gestão em prol do cinema em Mato Grosso que irrompe fronteiras.

**Luiz Carlos de Oliveira Borges**



|   |     |
|---|-----|
| Introdução .....  | 17  |
| 1 Filmografia mato-grossense .....                        | 27  |
| 2 Filmes brasileiros exibidos ou não em Mato Grosso ..... | 61  |
| 3 Filmografia de Arne Sucksdorff .....                    | 89  |
| 4 Índice dos títulos .....                                | 101 |
| Conclusão .....   | 111 |
| Nem memória, nem mito: Uma história em construção.....    | 113 |
| Referências .....   | 117 |

INSTITUIÇÕES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Instituto de Memória do Poder Legislativo de Mato Grosso  
Folha do Estado  
Cinematca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

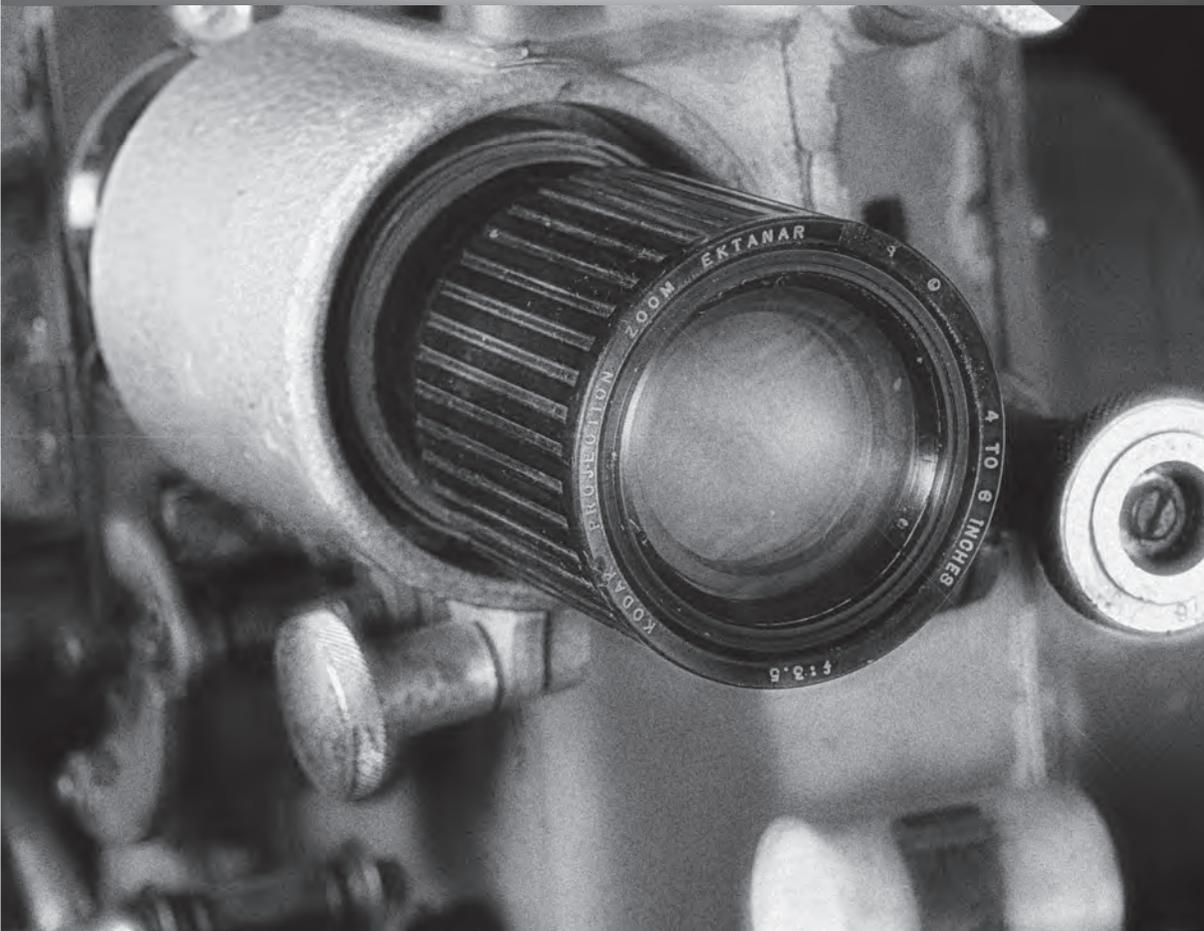
PARTICULARES QUE CONTRIBUÍRAM  
COM IMAGENS PARA ESTA PUBLICAÇÃO

Cosme dos Santos  
Mário Castro  
Maria Graça de Jesus Sucksdorff

ABREVIATURAS UTILIZADAS  
NO CRÉDITO DAS IMAGENS

ANI – Autor não identificado  
MAM-RJ – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

# *Introdução*





A presente filmografia se compõe de três partes. A primeira é resultado de um levantamento dos filmes realizados em Mato Grosso, no período de 1896 a 1970, em razão da pesquisa *Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, volumes I e II desta coletânea. A segunda registra os filmes brasileiros exibidos no Estado neste mesmo período. A terceira, finalmente, incorpora aos filmes realizados pelo cineasta Arne Sucksdorff no Brasil a sua obra estrangeira.

Na primeira e segunda partes, utilizamos como principal fonte de pesquisa a imprensa mato-grossense, especificada na bibliografia. Para os filmes sobre os quais não encontramos informações na imprensa utilizamos dados de fontes complementares, indicadas em cada caso. Para a terceira parte, a fonte de informação básica foi o noticiário da época, incluindo jornais e revistas brasileiras e estrangeiras. Utilizamos também, como fonte de referência – bastante incompleta – alguns catálogos de mostras da obra de Sucksdorff realizadas na Europa, e poucos livros indicados na Bibliografia.<sup>1</sup>

Os títulos de filmes mato-grossenses estão listados em ordem cronológica e, dentro do mesmo ano, em ordem alfabética. Os títulos dos filmes brasileiros não mato-grossenses mencionados pela imprensa do Estado estão listados pela ordem de seu aparecimento nos jornais. Em ambos os casos, os títulos podem ser recuperados em ordem alfabética por um índice remissivo. Neste último, indicamos, sempre que possível, além das datas relativas ao noticiário da imprensa mato-grossense, também as datas de produção dos filmes, entre parênteses.

---

1 Não existe, em língua que me seja acessível, nenhuma filmografia completa da obra européia de Sucksdorff. A bibliografia consultada limita-se à indicação de títulos, datas de produção ou lançamento, e um outro dado adicional.

Para os jornais mato-grossenses<sup>2</sup>, desenvolvemos como convenção os seguintes códigos:

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Jornal O Pharol                   | PHA |
| Jornal O Autonomista              | AUT |
| Jornal O Republicano              | REP |
| Jornal O Estado de Mato Grosso    | EMT |
| Jornal O Echo                     | ECH |
| Jornal O Mato Grosso              | OMT |
| Jornal O Debate                   | DEB |
| Jornal A Tribuna                  | TRI |
| Jornal O Mato Grosso              | MAT |
| Jornal O Correio do Estado        | COR |
| Jornal O Ferrão                   | FER |
| Jornal O Expectador               | EXP |
| Jornal A Gazeta                   | GAZ |
| Jornal A Província de Mato Grosso | PRO |
| Jornal O Echo do Povo             | POV |
| Jornal A Federação                | FED |
| Jornal O Oásis                    | OAS |
| Jornal O Sertanejo                | SER |
| Jornal Corumbaense                | CRU |
| Jornal A Federação                | FED |
| Jornal Correio do Sul             | COS |
| Jornal do Archivo                 | ARC |
| Jornal O Colibri                  | COL |
| Jornal O Estado                   | EST |
| Jornal A Coligação                | COL |
| Jornal O Cruzeiro                 | CRU |
| Jornal O Brazil                   | BRZ |
| Jornal O Debate                   | DEB |
| Jornal O Fifo                     | FIF |

---

2 Trata-se de fontes consultadas, mas não necessariamente utilizadas.

Para as fontes complementares brasileiras utilizamos os seguintes códigos, mantendo para os pesquisadores as respectivas iniciais:

|   |      |
|---|------|
| ALVETTI, Celina do Rocio Paz. <i>O Cinema Brasileiro na Crônica Paranaense dos Anos 30</i> , Dissertação de Mestrado, CTR/ECA/USP, Junho de 1989. | CRP  |
| BERNARDET, Jean Claude. <i>Filmografia do Cinema Brasileiro: 1990-1935</i> . São Paulo, Secretaria de Cultura, 1979.                              | JCB  |
| FERREIRA, Manoel Rodrigues. <i>Aspectos do Alto Xingu e a Vera Cruz</i> . São Paulo, Nobel, Secretaria de Estado de Cultura, 1983.                | MRO  |
| GUIZZO, José Octavio. <i>Alma do Brasil</i> . Campo Grande, Edição do Autor, 1984.  | JOG  |
| <i>Esboço histórico do cinema em Mato Grosso</i> . Coleção CS nº. 1, Campo Grande, s/d.   | JOG  |
| Documentação Geral da Cinemateca Brasileira.  | DOCB |
| Filmografias elaboradas pela Cinemateca Brasileira, listadas abaixo.  | GFCB |
| <i>Guia de Filmes Produzidos no Brasil entre 1897/1910</i> . Primeiro Fascículo, Embrafilme, Rio de Janeiro, 1984.                                | —    |
| <i>Guia de Filmes Produzidos no Brasil entre 1911/1920</i> . Segundo Fascículo, Embrafilme, Rio de Janeiro, 1985.                                 | —    |
| <i>Guia de Filmes Produzidos no Brasil entre 1921/1925</i> . Terceiro Fascículo, Embrafilme, Rio de Janeiro, 1985.                                | —    |
| <i>Filmografia Brasileira</i> . Quarto Fascículo, 1926 a 1930. Cinemateca Brasileira/Fapesp, São Paulo, 1991.                                     | —    |